

## ENSINAR PELA MEMÓRIA: A EXPOSIÇÃO CORIOLANO BENICIO COMO PRÁTICA EDUCATIVA E CULTURAL

Thiago Gonzaga Telles<sup>1</sup>  
Carmem G. Burgert Schiavon<sup>2</sup>

### RESUMO

Entre os dias 01 e 05 de dezembro de 2025, levamos ao Teatro Municipal do Rio Grande/RS, a Exposição Coriolano Benicio – “As cortinas se abrem: Coriolano volta à cena” –, tendo como propósito central tornar visível a vida, a obra e o protagonismo de Coriolano Benicio no cenário cultural rio-grandino, no século XX; atividade concebida como uma ação de enfrentamento aos processos históricos de apagamento que atingem, de forma estrutural, personalidades negras e suas contribuições intelectuais. A partir da exposição de documentos, fotografias, manuscritos e cartazes teatrais provenientes do acervo pessoal do artista, buscou-se evidenciar sua centralidade na construção da identidade cultural local, partindo de uma compreensão da memória como construção social e política, reconhecendo os acervos pessoais como fontes fundamentais para a (re)escrita de narrativas historicamente silenciadas. A curadoria organizou os materiais de forma a destacar a atuação multifacetada de Coriolano Benicio no cenário cultural, rompendo com leituras que colocam à margem personalidades negras, reafirmando seu papel como agente formador, produtor e articulador cultural. O espaço expositivo foi pensado como lugar de mediação e aprendizagem, favorecendo a leitura crítica do passado e o diálogo entre memória, identidade e pertencimento. A inauguração registrou um público satisfatório, com movimento contínuo ao longo dos demais dias de exposição; além disso, o espaço se consolidou, também, como ambiente de ensino, sendo utilizado como recurso pedagógico por uma turma de Mestrado e Doutorado da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), reafirmando sua potencialidade quando direcionada ao ensino. Um dado significativo foi o desconhecimento por parte de alguns visitantes da existência de Coriolano Benicio, evidenciando a profundidade de seu apagamento na memória coletiva local/regional. Dessa forma, a Exposição reafirmou a urgência de ações voltadas a visibilização de histórias negras, contribuindo para a construção de uma memória cultural mais justa, plural e representativa.

**Palavras-chave:** Coriolano Benicio, Exposição, Protagonismo Negro, Rio Grande.

### INTRODUÇÃO

Trabalhar com a história da sociedade sem considerar a totalidade de seus agentes é, por definição, um ato de violência epistêmica. Ao nos debruçarmos sobre a historiografia brasileira, percebemos que essa violência permeou muitas produções científicas – em muitos casos ainda se faz presente –, situando o negro apenas como objeto de estudo, não como protagonista. Em um estudo publicado em 2013, ao trabalhar a relação entre o movimento negro, a produção intelectual e a transformação da historiografia brasileira, o Professor José

<sup>1</sup> Mestrando do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e graduado em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande. [gtelles@furg.br](mailto:gtelles@furg.br)

<sup>2</sup> Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Professora Titular do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande (ICHI-FURG) e Coordenadora do Subprojeto de História do PIBID da FURG. [cgschiavon@yahoo.com.br](mailto:cgschiavon@yahoo.com.br)



Antônio dos Santos reforça essa afirmação ao sustentar que (Santos, 2013, p. 46) “até então, os negros eram vistos apenas como objetos de estudo, material etnográfico que servia de simples curiosidade ou a eruditas divagações científicas”. Sobre esse ponto, há que se destacar que a ausência de protagonismo negro na historiografia não decorre de esquecimentos fortuitos, lapsos temporais ou da simples escassez de documentos; trata-se, na verdade, de um processo estrutural e sistemático de silenciamento. Esse mecanismo recai deliberadamente sobre a trajetória de personalidades negras que construíram nossas identidades culturais.

É a partir dessa reflexão inicial e a problemática que carrega, que se insere a relevância desta intervenção. Ao trabalharmos com a trajetória de Coriolano Benicio, no cenário cultural do município do Rio Grande/RS, estamos exercendo um ato de reparação histórica, na medida em que buscamos olhar para o sujeito a partir de seu protagonismo.

Conforme destaca Pollak (1989), a memória é um terreno de disputas. Quando ingressamos na seara patrimonial, esse campo de disputas se acirra ainda mais, como exemplo dos interesses econômicos, nos quais uma memória (neste caso, material) pode ser apagada para satisfazer as necessidades de alguém ou, ideológicos, na medida em que determina quais saberes e fazeres, bens e narrativas são reconhecidos como dignos de preservação. Entretanto, esse acirramento se dá, fundamentalmente, pelo fato de “memórias subterrâneas”<sup>3</sup> desafiarem uma estrutura que já está posta, de uma história branca, herdada dos colonizadores, tida como aquela que deve ser preservada.

Quando propusemos e realizamos a Exposição Coriolano Benicio – “*As cortinas se abrem: Coriolano volta à cena*”, no Teatro Municipal do Rio Grande, entre os dias 01 e 05 de dezembro de 2025, o nosso objetivo não era de tornar a obra do artista puramente contemplativa, o propósito era o de levar à sociedade um dos responsáveis pela formação da identidade cultural que hoje usufruímos, além de devolver a Coriolano o protagonismo que a história lhe sonogou. Tratou-se de uma intervenção direta de enfrentamento aos processos históricos de apagamento, uma tentativa de refletir acerca do passado para, finalmente, compreender a verdadeira complexidade da nossa identidade cultural e dar a ela o direito de se sentir representada e pertencente a essa história.

Para compreendermos a relevância da exposição e, por consequência, as discussões que este trabalho propõe, faz-se necessário situar o leitor em relação a quem foi Coriolano Benicio e qual a importância de sua atuação no cenário do Rio Grande, no século XX. A cidade do Rio Grande/RS, carrega em sua história e tradição uma forte herança cultural; no entanto, essa mesma tradição se construiu sob a égide de uma elite que tendeu a invisibilizar

<sup>3</sup> Ver POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, v. 2, nº 3, p. 3-15, 1989.



as contribuições da população negra local. Coriolano Benicio não foi um mero espectador dessa dinâmica, ele se impôs como um agente formador, produtor e articulador cultural multifacetado, atravessando diferentes linguagens e espaços, deixando marcas profundas no fazer teatral e artístico da região.

### Imagem 1: Coriolano Benicio



Fonte: Acervo

Coriolano Benicio

(CDH/FURG).

Nascido em 24 de maio de 1911, no município do Rio Grande/RS, Coriolano Mário de Araújo Benicio deu início à sua expressiva produção artística ainda durante a juventude. Aos 13 anos de idade, no ano de 1924, produziu de forma inteiramente artesanal a revista em quadrinhos *O Beija-Flor*, demonstrando sua precoce vocação para as artes. Paralelamente a suas realizações no cenário artístico, exerceu um papel de destaque na imprensa local, sendo fundador e diretor do jornal *O Tagarella*, periódico que circulou os anos de 1929 e 1940. Sua imersão nas manifestações populares se deu em 1930, quando, aos 19 anos, fundou o Clube Carnavalesco e Corpo Cênico *Os Irresistíveis*, entidade que se consolidou, ao longo de cinquenta anos, como uma das mais importantes manifestações culturais do município. Em 1933, fundou a Companhia Beira-Mar de Amadores de Teatro, iniciativa que o elevou ao



*status* de expoente na luta contra as lógicas elitistas da época, cumprindo a função de democratização da arte, levando seus espetáculos teatrais para os espaços comunitários e populares. O artista também marcou presença em diversos circos e emissoras de rádio da região, ambientes nos quais interpretava o estimado Palhaço Borromeu, que se tornou um de seus personagens mais aclamados pelo público. Em 1972, reafirmou seu compromisso com a cultura e com as camadas populares, fundando a Casa do Poeta Rio-Grandino, um espaço para reuniões, publicações e eventos de poesia. Seu caminho pelas letras o levou à publicação da obra literária *Cinzeiro, Poesias e Humorismo de Apporelly*, lançada em 1978. Em 1981, consolidou sua relevante trajetória intelectual ao figurar como um dos membros fundadores da Academia Rio-Grandina de Letras – sendo o presidente da reunião de fundação –, instituição na qual passou a ocupar a cadeira de número 11.

Coriolano faleceu em 1984, deixando um vasto legado para a arte e a cultura. No entanto, nas décadas subsequentes, seu nome foi gradativamente silenciado – um processo recorrente na historiografia rio-grandina –, para preservar o *status quo* de uma narrativa lusitana. Como forma de reparação e homenagem, o então prefeito Abel Abreu Dourado decretou, em 29 de agosto de 1985, a criação de uma escola na Vila da Quinta, denominada “Coriolano Benício”<sup>4</sup>.

Ao romper com as leituras tradicionais que relegam personalidades negras a papéis subalternizado, nossa pesquisa – e a consequente curadoria da exposição – buscou evidenciar sua centralidade. Nessa perspectiva, entendemos que trazer Coriolano de volta à cena, significava questionar a quem interessa o esquecimento de um artista negro de tamanha envergadura e como uma figura central pôde ser tão profundamente apagada da memória coletiva. Tais questionamentos guiaram nossa imersão em sua história e sustentam a argumentação que desenvolvemos ao longo deste texto.

A possibilidade de realizar a exposição e, posteriormente, este registro acadêmico, deu-se pela existência de um rico acervo presente no Centro de Documentação Histórica Hugo Alberto Pereira Neves (CDH), composto por documentos, manuscritos, fotografias, periódicos, peças e cartazes teatrais, entre outros. Cada um desses itens carrega uma dupla camada de significados: constituem, simultaneamente, registros de uma trajetória e testemunhos de quase um século de efervescência cultural. A curadoria debruçou-se sobre esses materiais com a sensibilidade política necessária para identificarmos as lacunas que eles preenchem na história rio-grandina, organizando o material de forma a destacar a atuação

<sup>4</sup> Ver Decreto N° 4604, de 29 de agosto de 1985. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/decreto/1985/461/4604/decreto-n-4604-1985-cria-uma-escola-na-vila-abel-cravo-quinta-denominando-a-coriolano-benicio>. Acesso em: 4 abril 2026.



plural do artista. Olhar para um cartaz de teatro de meados do século XX no qual figura o nome de um homem negro como diretor ou protagonista constitui, por si só, um choque pedagógico em uma sociedade estruturalmente racista, desacostumada a associar corpos negros a esses lugares de fala e de criação. Ao utilizarmos essas fontes, validamos seu acervo pessoal como um encontro entre a resistência e o pertencimento.

### **Imagem 2: Teatro Municipal do Rio Grande**



Fonte: registro de

Thiago Gonzaga

Telles (2025).

A escolha pelo Teatro Municipal da cidade do Rio Grande como espaço expositivo não foi algo aleatório, tendo em vista que esse ambiente, historicamente associado a padrões culturais elitistas e excludentes, precisava ser ressignificado como um verdadeiro palco de ruptura e democratização do saber. Trazer a história e a obra de Coriolano Benício de volta a esse local evidencia as contradições da memória, rompe com a redoma elitista e devolve ao mestre o palco que sempre lhe pertenceu por direito.

O teatro, templo da representação por excelência, abria suas portas não para um espetáculo efêmero, mas para a fixação de uma memória que ali mesmo se construiu no



passado. Contudo, desde a gênese do projeto, sabíamos que os suportes expositivos não poderiam ser estáticos, sendo necessário pensar em um espaço como um lugar de mediação<sup>5</sup> e aprendizagem. Nessa direção, projetamos uma estética expositiva que oportunizasse uma leitura crítica do passado. Mais do que contemplar fotografias e documentos sob a lente da nostalgia, nosso objetivo consistia em questionar as razões do silenciamento em torno de Coriolano Benício. Assim, almejávamos fomentar o diálogo vivo entre memória, identidade e pertencimento.

### Imagem 3: Segundo noite de exposição



Fonte: registro de Thiago Gonzaga Telles (2025).

Essa dimensão educativa da exposição consolidou-se de forma bastante concreta. Ao longo dos cinco dias de evento, além de um público espontâneo expressivo e rotativo, o espaço foi apropriado como um recurso pedagógico por duas turmas de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Essa interação entre a universidade e a exposição materializou nossa crença no potencial do ensino pela memória. Nela, estudantes e

---

<sup>5</sup> Durante a realização da Exposição, contamos com a colaboração de diversos acadêmicos dos Cursos de História (Licenciatura e Bacharelado), a saber: Bruna de Freitas, Camila L. Silveira, Carolina M. Hartmann, Dandara Costa, Écheley Rodrigues, Eduarda da Porciuncula, Eduarda Luz, Gabriela da Rosa, Gabriela da Conceição, Grazielle Pereira, Gustavo Dias, Juliano Oliveira, Jhonathan de Farias, Leonardo Da Hora, Lincon Rodrigues, Nicoli Bastos, Samuel Couto, Viviane Schneid.



pesquisadores tiveram a chance de observar, na prática, como as teorias sobre história oral, acervos e relações étnico-raciais ganham corpo e vida para além dos muros da universidade. Com base nessas diretrizes, a exposição transformou-se em uma sala de aula expandida, na qual a trajetória de Coriolano serviu de matéria-prima para reflexões profundas sobre a prática da pesquisa e o compromisso social de historiadores e educadores.

#### **Imagens 4 e 5: Oficina com turma de Mestrado e Doutorado do PPGH-FURG**



Fonte: registros de Thiago Gonzaga Telles (2025).

## **METODOLOGIA**

Compreendemos que os processos de pesquisa devem ser indissociáveis da intervenção social; nesse sentido, adotamos a metodologia da pesquisa-ação, conforme proposta por Michel Thiollent. Essa abordagem revela-se essencial ao permitir que a investigação transcenda os muros da academia, convertendo-se em uma ação concreta de enfrentamento ao apagamento estrutural de personalidades negras. Nessa direção, conforme



argumenta Thiollent, a pesquisa-ação encontra pertinência (2022, p. 38) “em todas as áreas onde o conhecimento possa ser efetivamente mobilizado, orientado para analisar problemas reais e para buscar soluções, tendo em vista transformações úteis para a população (a curto ou médio prazo)”. Em um contexto de racismo estrutural, no qual as contribuições epistemológicas de personalidades negras são sistematicamente suprimidas da história e da memória coletiva, a pesquisa-ação torna-se vital. Além da reparação histórica, ela permite que a sociedade – e, sobretudo, a população negra – reconheça-se como protagonista do processo histórico, superando a condição – imposta – de agente passivo, ou subalterno.

Ao longo da pesquisa dos elementos que compreendem o Acervo Coriolano Benicio, as contradições da história rio-grandina tornaram-se ainda mais evidentes. Afinal, como pode uma personalidade negra lapidar, de forma autodidata, a cultura de toda uma sociedade e, ainda assim, não ter o devido reconhecimento? Surge, então, a necessidade de levar a público sua trajetória como forma de ocupar espaço nesse campo de disputas, oferecendo à sociedade lentes que possibilitem enxergar outra perspectiva: a de um Rio Grande negro e operário. O objetivo é incitar a emancipação e a reflexão autônoma da própria sociedade, uma vez que “o projeto reflexivo ajuda seus destinatários a refletirem na ação; assim, eles são incitados a construir um conhecimento próprio” (Thiollent, 2022, p. 43). Em outras palavras, ao escutar o acervo e converter suas informações em ferramentas para que o público opere as narrativas de sua própria história, oferecemos a possibilidade de desafiar “às leis de reprodução social, gerando transformações sociais a partir do fato de as camadas desfavorecidas terem acesso à educação, não apenas ao vigente conhecimento elitizado” (Thiollent, 2022, p. 43). Nessa perspectiva, a exposição é fundamental para a conscientização, a reparação histórica e o fortalecimento do pertencimento da sociedade em relação à sua cultura local. Assim, a exposição constitui, portanto, um ato de justiça social indispensável para desconstruir narrativas oficiais enviesadas e reconectar a comunidade com suas matrizes identitárias silenciadas.

O reconhecimento do protagonismo e a potência intelectual de Coriolano Benicio atuam como força motriz para recuperar a autoestima da sociedade, sobretudo da população historicamente marginalizada, que é a maior vítima da violência epistêmica perpetuada pelo racismo estrutural. Ao retirar o artista negro da margem e colocá-lo como sujeito central da formação cultural local, este projeto cumpre seu papel transformador, tornando a pesquisa um canal para o restabelecimento da dignidade humana.

## REFERENCIAL TEÓRICO



A construção da memória e a disputa pelos sentidos do passado constituem pilares fundamentais para compreendermos como as sociedades elegem o que deve ser lembrado e o que deve ser relegado à margem do esquecimento. No caso de Coriolano Benicio, pertencente às populações marginalizadas, esse processo ganha contornos de violência simbólica, de modo que a preservação de acervos e as intervenções culturais caracterizam-se como ferramentas de resistência ativa e reparação histórica. As memórias de Coriolano Benicio integram o que Pollak chama de (1989, p. 3) “memórias subterrâneas” que, por fazerem parte “das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’ (1989, p. 2)”. Na medida em que tais registros vêm a público, “reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória”, fomentando o pertencimento e retomada dessas narrativas pela sociedade.

Quando as estruturas dominantes operam para apagar/silenciar memórias ancestrais – como se observa no apagamento histórico do protagonismo negro –, evidencia-se o favorecimento da chamada memória oficial. Essa dinâmica demonstra como a invisibilização atua como engrenagem de dominação, validando a premissa de Le Goff (1990, p. 442) de que “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”. O projeto de ocultar as contribuições epistemológicas negras visa assegurar a manutenção de uma identidade eurocêntrica, utilizando o esquecimento estratégico como uma arma de controle social deliberada. Em sua obra *Ignorância*, o historiador Peter Burke (2023, p. 43) aborda o conceito de “epistemologia da ignorância”, exemplificando-a como “a falta de reconhecimento por parte dos brancos das conquistas dos escritores, artistas e filósofos negros” o que revela uma “mistura de ignorância pura e simples com ignorância deliberada ou semideliberada”.

Para romper com a lógica de subalternidade imposta a essa população e propor uma leitura contra-hegemônica do cenário cultural, faz-se urgente adotar uma postura decolonial. É preciso inverter o olhar sobre as populações negras, cuja história se inscreve justamente nos espaços que o cânone tenta apagar, funcionando como “o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita” (Gonzalez, 2020, p. 6). Ao acionar essa memória insurgente, percebemos que as populações afro-brasileiras nunca foram vítimas passivas das estruturas de dominação, afinal, elas revelam-se responsáveis pela reinvenção de sentidos do mundo em toda “América Ladina” (Gonzalez, 2020, p. 15).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante do exposto, evidenciamos que a realização da exposição “*As cortinas se abrem: Coriolano volta à cena*” transcende a condição de uma ação cultural pontual, configurando-se como um gesto político e epistemológico de enfrentamento ao apagamento histórico. Ao reposicionar Coriolano Benicio como sujeito central da narrativa, o trabalho tensiona diretamente as estruturas que sustentam a historiografia tradicional, demonstrando que o silenciamento de trajetórias negras não é algo acidental, mas parte de um projeto deliberado de exclusão. Ao darmos visibilidade a tais trajetórias, reafirmamos o compromisso com uma história comprometida com a totalidade de seus sujeitos.

Nesse horizonte, a articulação entre a pesquisa e a intervenção, orientadas pela perspectiva da pesquisa-ação, demonstrou-se fundamental para a efetivação de uma prática historiográfica socialmente engajada. Ao mobilizarmos o acervo, organizarmos a curadoria e promovermos a exposição em um espaço historicamente elitizado, compartilhamos conhecimentos sob a forma de experiência e reconhecimento. Tal movimento reafirma a premissa de que o saber histórico, quando comprometido com a transformação social, torna-se instrumento de emancipação e de (re)construção de identidades coletivas.

A recepção da exposição e sua apropriação como ferramenta pedagógica evidenciam o potencial da memória como dispositivo educativo. Ao provocar questionamentos sobre ausência, invisibilidade e pertencimento, a experiência expositiva rompe com a lógica da contemplação passiva e convida o público a uma postura crítica diante do passado. Nesse processo, a história deixa de ser um campo abstrato, restrito a grupos privilegiados, para operar como prática viva, capaz de intervir no presente e reconfigurar a realidade social. Para que isso se concretize, precisamos refletir continuamente sobre o tipo de historiadores que desejamos ser: aqueles que produzem ciência para seus pares ou os que se comprometem com os impactos de sua pesquisa junto aos interlocutores.

Ao evidenciarmos a trajetória de Coriolano Benicio como expressão de “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989), este trabalho reafirma a urgência de ampliar os horizontes da historiografia, incorporando narrativas historicamente marginalizadas. Trata-se de reconhecer que a construção de uma memória mais justa e plural depende da contínua disputa pelos sentidos do passado. Assim, para além de recuperar uma história invisibilizada, este trabalho aponta para a necessidade de transformar os próprios critérios de legitimação histórica, abrindo espaço para que outras vozes, saberes e experiências ocupem, enfim, o lugar que sempre lhes pertenceu.



## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Ignorância**: uma história global. Tradução de Rodrigo Seabra. São Paulo: Vestígio, 2023.

**Decreto N° 4604**, de 29 de agosto de 1985. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/decreto/1985/461/4604/decreto-n-4604-1985-cria-uma-escola-na-vila-abel-cravo-quinta-denominando-a-coriolano-benicio>. Acesso em: 4 abril 2026.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Monteiro de Rezende e Irene Ferreira. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. (Coleção Repertório).

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n° 3, p. 3-15, 1989.

THIOLLENT, Michel et. all. (org). **Extensão Universitária**: concepções e reflexões metodológicas. Curitiba: CRV, 2022.

